

## Carta de Dalcídio Jurandir \*

Bruno:

Ninguém mais idôneo para falar sobre **Cuia-Pitinga** do que você, pai de santo da geração de Clovis de Gusmão e Raymundo Peres... Você continua poeta e cada vez mais novo pelo que há de movimento e de inquietude na sua personalidade. O seu caminho é o caminho de todos nós, seus companheiros nas lutas pelo pão, os velhos conflitos e as velhas angústias interiores, a sede de cultura, o vago anarquismo lírico e em surdina à maneira de Knut Hamsun... Como este, quanta fome você não passou! Mas a lua entrava pela sua boca de maravilhado e eita! lá vai intoxicação lunar, a bebedeira astral...

Nesse tempo, onde a gente podia achar emprego, para ganhar um pedaço de pão e comprar um livro? A gente ia embora para o sonho, desordenadamente, a farra entre as estrelas, as mulheres ideais, o abstrato e a miragem...

O artista queria era dar o fora nesta realidade corrosiva e se quintessenciava, — é o termo — para ficar numa neva doirada, como um trecho de Beethoven de que fala Aldous Husley, no "Contra-ponto", distanciado e etéreo, no irreal... Ou então éramos uns trágicos bonecos para o divertimento dos salões... Não se misturava o sonho com a nossa camisa rota, o sapato furado, a falta de 200 réis para o bonde...

Ernani Vieira que foi um espelho da nossa aventura intelectual na província, acabou morto a fome. Você, no seu ensaio, falou pelo nosso drama, pela dignidade de nossa posição de intelectuais e falou, por que não?, pelo nosso ódio também. Não nos basta a ironia...

Fazer ironia em nosso meio é fazer uma dolorosa caricatura de si mesmo. O ódio é justo, é mais libertação. É preciso acusar e desmontar, praticamente, a farsa e a miséria que negam a arte e a cultura. A província — e aqui não se entende, apenas, um sentido literário de província, mas a condição econômica, — arriou sobre nós um peso enorme de tédios, ânsias mórbidas, burocracia, deformações irreparáveis... A cultura virou boemia.

Você fez "Pae João" e cadê que lhe fazem a justiça de o colocar entre os melhores poemas brasileiros? **Cuia-Pitinga** é uma expressão tão local e tão universalmente humana! Você e o Jacques trouxeram para a arte uma realidade que não morrerá, porque não foi colhida entre as nuvens, mas entre os homens...

O artista corresponde, hoje, ao interesse da humanidade que ele condensa na sua emoção e no pensamento. Bate-se pela marcha da cultura e por um sentido mais alto e mais real da humanidade. Você o prova no seu ensaio.

Diz Machael Gold: "nem sempre a mocidade é valorosa: as mais das vezes é desorientada; a pobreza apunhala a juventude, não temos uma saída, estamos isolados e dominam-nos instintos suicidas. Por isso a nossa revolta é individual e subjetiva; e é por um lirismo doloroso que escrevemos, cercados de solidão". Não é nossa história tal e qual?

Continuamos a lutar pelo pão, mas a arte vem lutar ao nosso lado, compreendendo que do resultado dessa depende o seu futuro, a sua maior expressão de liberdade e de vida!

Do seu  
Dalcídio Jurandir

Belém, novembro de 1936

\* Prefácio do ensaio "À Margem do Cuia-Pitinga", de Bruno de Menezes